UM APOCALIPSE PARA O NOVO MILÊNIO
Leitura apocalíptica de Marcos

José Raimundo Oliva

Introdução

Uma certa convivência com o Novo Testamento, pela repetição do ouvir a leitura proclamada nas celebrações ou pela leitura direta do texto, nos fez acostumar com a sua linguagem, suas imagens e símbolos narrativos. Com exceção para o livro do Apocalipse[1], o qual parece sempre causar estranheza para quem o ouve ou o lê, devido às imagens e símbolos, densamente usados como linguagem, bastante estranhos ao nosso falar comum, levando-nos até ao sentimento do admirável e do fantástico, e comumente considerado assustador. Mas, com uma apurada atenção, podemos perceber que todo o Novo Testamento está marcado pela maior ou menor presença do "estranho" em suas cenas e linguagem narrativas. Neste sentido podemos destacar os milagres, os demônios e os exorcismos, as cenas de natureza abalada ou que se manifesta, os contrastes entre bem e mal, luz e trevas, céu e terra, salvos e condenados, iluminados e obtusos, as parábolas, etc. Estas cenas e linguagem, que causam estranheza, pertencem, em grande parte, ao gênero literário apocalíptico, já presente no Antigo Testamento.

O gênero literário apocalíptico – apocalipse e profetismo

O gênero literário apocalíptico foi sendo definido ao longo da história do movimento profético de Israel. Em suas advertências e denúncias, os profetas, a partir de Amós, começam a utilizar imagens do "Dia de Javé", que era uma categoria da crença popular existente na religião israelita na época da realeza. Segundo esta crença, este seria um dia de euforia, com características de vitória da "guerra santa"[2], com sinais

1. A primeira palavra do livro "*apocalypsis*", que significa "revelação", passou a ser o título do livro e o nome do próprio gênero literário ao qual ele se adapta.

2. A "guerra santa" era uma designação das guerras de Israel contra seus inimigos, as quais eram empreendidas tendo Javé à frente, combatendo com seu povo e por seu povo. As narrativas mostram muita crueldade nestas guerras, e pode-se admitir que elas correspondiam, principalmente, ao tipo das guerras de conquista e expansão do império davídico, com o amparo teológico de que era Javé que tinha a iniciativa no combate, o que justificava todas as crueldades cometidas. Correlatamente são formuladas as expressões "Javé dos exércitos", "exércitos celestes", e, ainda hoje, encontramos a expressão "Deus dos exércitos".

de catástrofes cósmicas, prenunciando a realização das expectativas messiânicas da supremacia de Israel com poder sobre todas as nações . Porém a partir de Amós (Am 5,18-20; 6,3; 8,9) não será um dia de festa, mas sim dia de julgamento e castigo do próprio Israel, dia de desgraça (Am 6,3), com o sol se pondo ao meio-dia, escurecendo a terra (Am 8,9). Será, contudo, um castigo purificador, acompanhado, também, do julgamento das nações, com a manifestação da glória plena de Israel.

Posteriormente, de modo particular, Isaías, Sofonias, Zacarias, Malaquias e Joel invocarão este Dia de Javé, em seus oráculos, usando as impressionantes imagens de abalos terrestres e siderais, do combate de Javé e seu julgamento contra Israel e contra seus inimigos. Estas imagens serão amplamente assimiladas no gênero apocalíptico. Encontramos, assim, nestes profetas, tais oráculos que podem ser considerados como proto-apocalípticos.

A partir do exílio, quando Israel perde sua autonomia e passa a ser submisso aos sucessivos impérios, a mensagem profética de denúncia ao império e de esperança começa a ser então impregnada de acentuado simbolismo. A intenção é torná-la compreensível apenas ao povo oprimido de Israel, ocultando-a ao império, e, para isto, esta mensagem assume várias imagens da tradição cultural-religiosa de Israel, particularmente as do dia de Javé. Ficam assim estabelecidas as característica básicas do gênero apocalíptico, que terá sua consagração no Livro de Daniel (Dn 7–12). A partir do domínio do império babilônico, este gênero apocalíptico está presente, entre outros textos, nos oráculos de Ezequiel (Ez 38–39), Zacarias (Zc 9–14), nas coleções de Isaías (Is 24–27, séc. V), Malaquias (Ml 2,17–3,5; 3,13–21) e em Joel (Jl 3–4).

Associadas à mensagem apocalíptica, estão a escatologia, que se refere ao que está no fim – fim do mundo, fim da história ou fim da humanidade, tempo do julgamento de Deus –, e o messianismo que compreende os ideais que representam o Israel do futuro, correspondente ao reino universal de Javé, sob o reinado de um rei justo.

Um dos grandes desafios na leitura bíblica está em relacioná-la com o tempo presente, com o hoje e com a vida real, e não considerá-la como algo distante, em tempo remoto, ou de uma maneira "espiritualista", omissa em relação à realidade atual. O gênero literário apocalíptico tem o mérito de induzir fortemente o leitor a integrar a história passada e o tempo presente, constituindo-se assim, hoje, em uma preciosa chave de leitura hermenêutica. Neste sentido foi utilizado por Marcos.

O caráter apocalíptico do Evangelho

Marcos redige seu Evangelho com acentuado caráter apocalíptico, contudo com uma importante característica original: Marcos traz o combate celestial para a realidade histórica de Jesus e das comunidades contemporâneas ao próprio Marcos, embora descrevendo-o em categorias do apocalipse tradicional. Ele transfere o combate celestial para o combate histórico aqui na terra.

Podemos encontrar no Evangelho as seguintes características deste gênero apocalíptico:

1. a simbologia;

2. *a situação histórica de crise*, vivida pelas comunidades e pelo povo, em seu tempo, e que pode ser apreendida através das narrativas do Evangelho;

3. o dualismo, em duas épocas: a nova ordem, vivida por Jesus, e a velha ordem estabelecida;

4. o combate apocalíptico, entre "o homem forte" e Jesus;

5. o mistério e a revelação secreta, elucidativa dos acontecimentos, feita ao grupo restrito;

6. a intertextualidade apocalíptica;

7. o mistério central, chocante e paradoxal, do sofrimento do justo.

Simbologia apocalíptica

Marcos usa uma simbologia característica do gênero literário apocalíptico, da qual destacamos os seguintes símbolos: o mensageiro, a voz que se ouve, o tempo, o nome novo, o deserto, o mar, o caminho, a montanha, a pomba, os diversos demônios, as feras, a semeadura, a colheita, a figueira, a multidão, as vestes brancas, os abalos terrestres e os abalos siderais. Nas considerações que se seguem abaixo, faremos mais referências a estes símbolos.

Situação histórica de crise vivida pelas comunidades e pelo povo

Esta situação pode ser percebida no texto de Marcos. As multidões, insatisfeitas e carentes, iam ao encontro de João Batista e de Jesus, no deserto, ou nas periferias, relegando Jerusalém e o Templo (1,5.33; 2,2; 3,8). Jesus realiza curas de doenças, certamente, na sua maioria, geradas pelas precárias condições de vida do povo, vítima de exclusão social e econômica (1,34; 3,10; 6,55): cura um leproso que, além de sua doença, era considerado impuro e, assim, carregava também a carga do repúdio social (1,40-45); um paralítico que, como tal, era considerado pecador e, assim, excluído (2,10-12); a mulher com fluxo de sangue, que era também considerada impura e ainda, procurando a cura, fora explorada, gastando todo seu dinheiro (5,25-34); o povo oprimido pela presença dos exércitos romanos (5,2-9) e pela carga de impostos que deviam ser pagos a César (12,14-17), a prisão e morte para quem ficasse sob a suspeição do império (João Batista: 6,17.27-28; Jesus: 15,15.23). As curas têm o sentido de restauração, bem-estar, libertação e reintegração social dos pobres oprimidos; são a reprodução simbólica do conflito social, significado pelo combate apocalíptico. Elas implicam e significam o conflito com a observância legal da purificação para a libertação da doença e do pecado, que levavam à exclusão social. Marcos destaca como Jesus se propõe a restabelecer o bem-estar social, negado pelo sistema opressor, ao doente/impuro/pecador. Assim o Jesus que cura era uma ameaça à ordem

estabelecida. As narrações simbólicas dos atos de Jesus revelam o seu poder, não porque desafiassem, apocalipticamente as leis da natureza, mas porque representavam atos que desafiavam as próprias estruturas sociais e religiosas vigentes. O evento apocalíptico é terreno e histórico e não celestial.

Dualismo apocalíptico

Este dualismo está muito bem caracterizado na parábola do remendo de pano "novo" em roupa "velha", e do vinho "novo" em odres "velhos" (2,19-22). O pano novo lembra-nos as roupas de Jesus, as quais bastam ser tocadas para curar (5,28), e o pano velho, rasgado, lembra-nos as túnicas do Sumo Sacerdote (14,63) e o véu do Santuário (15,38); assim também, o vinho novo lembra-nos o vinho oferecido na ceia pascal, "vinho novo no Reino de Deus" (14,23-25), e o vinho velho é o vinho com mirra oferecido pelos soldados no momento da crucifixão, e rejeitado por Jesus. O "novo" em contraste com o "velho" é o dualismo apocalíptico tradicional de duas épocas, ou dois tempos, e alude à recriação escatológica que é a nova ordem característica do Reino de Deus, já presente, testemunhada pelo próprio Jesus. O discurso em parábolas revela as características do Reino e coloca a adesão a ele como uma opção face ao dualismo apocalíptico (4,1-32). Temos também o discurso do cap. 13, que se desenvolve entre dois tempos, entre os quais a passagem é reconhecida por sinais apocalípticos. A referência ao "tempo", neste sentido apocalíptico dualista, é freqüente em Marcos (1,15; 10,30; 11,13; 12,2). Este tempo não é o tempo solar (dias, meses, anos) mas a maneira de viver: tempo de fazer isto ou de fazer aquilo (Eclesiastes 3,18): o fim apocalíptico é o fim do tempo de identificar-se com o mundo e suas estruturas, para passar ao novo tempo de viver as obras de Deus, no Reino. Na cena em que chegam a mãe de Jesus e familiares, e ficam do "lado de fora" (3,31), a resposta vem de "dentro da casa", com Jesus e a multidão "sentada ao redor" dele: "quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe" (3,32-35); temos aqui outro dualismo apocalíptico: os que estão dentro e os que estão fora. Não são os laços familiares que levam à inclusão, mas o fazer a vontade de Deus, perspectiva que vem entrar em conflito também com a estrutura familiar e patriarcal vigente na sociedade.

No caminho, o combate apocalíptico

Uma das características marcantes do texto de Marcos é que o combate apocalíptico se dá ao longo do "caminho" que é "construído", do início ao fim do Evangelho. Este combate acontece nos diversos confrontos com os demônios e os representantes do Império e da sinagoga e do Templo. Ao ser acusado pelos escribas que haviam descido de Jerusalém, de estar possuído por Belzebu, Jesus devolve a acusação, colocando-se como aquele que se atira contra os demônios, os quais ele compara ao "homem forte" que tem que ser amarrado e sua casa "roubada" (3,22-27). É a casa popular que está "possuída" pelo "homem forte", e que tem que ser libertada pelo "mais forte", com o qual Jesus se identifica, conforme sua apresentação por João Batista (1,7).

De início, no prólogo, Marcos narra o combate (tentação) entre Jesus e Satanás (1,12).

Seguem-se inúmeras outras narrações de confronto/tentação com o "homem forte". Assim temos confrontos a partir da sinagoga e do Templo: entrando em Cafarnaum, Jesus vai à sinagoga, onde se dá o combate com um espírito impuro (o demônio que está na sinagoga, isto é, os escribas) (1,21-28); murmúrio dos escribas dos fariseus, quando, em casa de Levi, come com muitos publicanos e pecadores, que o seguiam (2,15-22); os discípulos, no sábado, "abrem caminho" (é o Reino que surge) arrancando espigas, merecendo a censura dos fariseus (2,23-27; cf. 3,1-7); confronto com outros espíritos impuros (3,11; 6,7.13); os conflitos com os escribas, relacionados com a infração da Lei e das tradições (2,7; 2,18s.24-28; 3,1-6; 7,1-13; 10.2-12); no Templo, com os chefes dos sacerdotes e escribas (11,15-18); sobre a autoridade, com chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos (11,27-33); sobre a ressurreição dos mortos, com os saduceus (12,18-27).

Outros confrontos vão envolver o império: com o demônio da legião romana que ocupava o norte da Palestina (5,1-16), com Herodes que executara João Batista (6,17-29); com César e seus aliados, fariseus e herodianos[3] (12,13-17), que oprimiam o povo com impostos. E, ainda, Marcos narra confrontos com os próprios familiares (3,20s; 6,2-5), com os discípulos (4,40; 8,16-21; 9,18-19; 9,38-40) e com o demônio de Pedro (8,32s). E, em conclusão, o confronto final, nos tribunais e na cruz (14,53–15,39).

O desfecho do combate se dá, com grande intensidade, em Jerusalém, desde a aproximação da cidade, para onde Jesus vinha dirigindo seu caminho (10,1; 10,32). Após passar por Jericó, onde Josué fizera cair as muralhas e ocupara a cidade (Js 6,1-21), Jesus está próximo ao monte das Oliveiras, lugar de onde partiria, segundo Zacarias (Zc 14,3-4), o assalto final, no apocalíptico dia de Javé, para libertar Jerusalém da ocupação pelas nações inimigas de Israel; então "acontecerá, naquele dia, que não haverá mais luz. Haverá um único dia sem dia e sem noite, mas à tarde haverá luz. E acontecerá, naquele dia, que sairá água viva de Jerusalém... Então Javé será rei sobre todo o país..." (Zc 14,6-9). Simão Macabeu também chegara triunfalmente a Jerusalém para libertá-la, aclamado com ramos de palmeiras (1Mc 13,51). Porém Jesus, caminhando firme para o desfecho apocalíptico do combate, tendo como objetivo a vitória na cruz, rejeita qualquer triunfalismo e má interpretação de sua missão. Assim manda que tomem um jumentinho, sobre o qual avança montado, caracterizando-se como o justo, vitorioso e humilde que anunciará a paz às nações e cujo domínio se estenderá ao mundo inteiro, conforme Zc 9,9-10. Apesar disto, as aspirações populares estão impregnadas da ideologia restauracionista do império davídico, conforme a aclamação: "Bendito o Reino que vem, do nosso pai Davi!"

3. Marcos introduz, no texto citado, os herodianos que são judeus políticos, com poder e influência, próximos, conviventes e influentes com a casa de Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia. O combate apocalíptico é contra o Império e contra o Templo, aliados. As cenas mais freqüentes de conflitos envolvem os interesses do Templo, tradicionalmente mais presente na vida do povo, mas também envolvem os interesses do Império Romano.

(v. 10a). Com estas fragilidades e contradições, as manifestações populares, dias depois, serão conduzidas pelos chefes dos sacerdotes e voltadas contra Jesus (15,11).

O caminho, construído pelo "mais forte", que começara junto ao mar da Galiléia, chega a Jerusalém, como que para uma tomada de assalto à cidade, em uma perspectiva apocalíptica. A base estratégica do combate é o monte das Oliveiras. É desta base do monte das Oliveiras que partem as invectivas contra Jerusalém, nestes últimos dias. Nos três primeiros dias que se seguem, em Jerusalém, se dão mais alguns conflitos com "o homem forte", nos quais Jesus, como o "mais forte", se sai bem, de modo que Marcos conclui a série de conflitos com a afirmação: "E ninguém mais ousava interrogá-lo" (12,34b).

Após a advertência contra o messianismo davídico (12,35-37) e contra os escribas (12,38-40), Jesus, "sentado" diante do tesouro do Templo, faz um julgamento a favor da viúva explorada pelos fariseus que "devoravam" suas casas (12,40). Em seguida, ao sair do Templo, faz o julgamento de sua destruição e em seguida, "sentado" no Monte das Oliveiras, frente ao Templo, faz seu discurso escatológico, a partir da interrogação dos quatro apóstolos, Pedro, Tiago, João e André, sobre o tempo e o sinal de que "todas estas coisas" estarão para acontecer (13,1-3). Marcos, simbolicamente, reintroduz aqui a figura de André, que aparecera no início do Evangelho, junto com os outros três, Pedro (Simão), Tiago e João: sua presença é associada ao "início" (1,1) do caminho e, aqui, aos sinais da chegada do Reino.

Em 13,37, Marcos retrata dramaticamente o combate apocalíptico como uma cisão entre os "dois tempos". O discurso escatológico contém fortes motivos apocalípticos, porém Marcos os usa com um novo sentido: os motivos apocalípticos não vão levar a uma interpretação messiânica triunfalista ou remota, mas a uma interpretação histórica, atual, sob a luz da revelação do Reino, para quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir. O discurso tem como ponto central a vinda do Humano[4], com grande poder e glória; contudo o Humano já veio e está presente em todo o Evangelho de Marcos, vitorioso, reunindo seus eleitos "dos quatro ventos, da extremidade da terra à extremidade do céu". Já chegou o novo tempo do Reino, já vivido por Jesus e seus discípulos. Só falta a glorificação do Humano, como o "justo sofredor".

O cerco do combate vai se fechando, contudo, aparentemente, a favor do "homem forte". Os chefes dos sacerdotes e os escribas tramam um ardil para matar Jesus (14,1-2). Enquanto uma mulher, anônima, antecipadamente, unge Jesus para a sepultura (14,8), Judas, um dos seus discípulos, procura a oportunidade para entregá-lo (14,10-11). Chegando o momento da ceia pascal, Jesus, à mesa com os discípulos, prepara-os anunciando a traição e a certeza de que "o Humano vai, conforme está escrito a seu respeito" (14,21). A seguir, partilha o pão e o vinho e anuncia o grande mistério: o pão que partilha é o seu corpo, e o vinho partilhado é o seu sangue

4. Sobre o "Humano", ver nota 6.

derramado em favor de muitos; e não beberá mais do fruto da videira, mas sim o vinho novo no Reino de Deus (14,22-25). Aproxima-se o fim do combate: sangue derramado e a festa do vinho novo!

No dinamismo do combate final, Jesus com os discípulos, estrategicamente, recuam para o "baluarte" do monte das Oliveiras, de cujas proximidades partira o primeiro assalto à cidade, em contraposição geográfica e apocalíptica ao monte Sião, com Jerusalém e o Templo. Contudo Jesus tem consciência de que, com tal desfecho final, necessário – "ferirei o pastor e as ovelhas se dispersarão" (14,27; cf. Zc 13,7) – ele não contará com Pedro nem com os discípulos. Jesus, então, começa a orar, em um combate interior contra o "demônio" do medo e da fuga, o pior "demônio", que poderia derrotar o "mais forte" e frustar a glória do Reino. E adverte a Pedro, e implicitamente aos discípulos, que vigiem e orem para não entrarem na tentação deste "demônio" (14,32-38).

E, enquanto ainda falava, o monte das Oliveiras é tomado de assalto por Judas e uma multidão armada, trazendo espadas e paus, da parte dos chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos. Jesus é preso como um malfeitor[5] (14,48). E ainda conclui com o determinismo escriturístico, agora, sem nenhuma citação particular, tomando as escrituras como um todo: "Mas é preciso que as Escrituras se cumpram". Para a ruína total de qualquer expectativa messiânica triunfalista, todos fogem, abandonando Jesus.

Jesus é conduzido perante os tribunais do "homem forte". Diante do tribunal do Sinédrio (14,53-64), inquirido pelo Sumo Sacerdote, Jesus, novamente, se identifica com o Humano de Daniel, agora sentado à direita do Poderoso (Dn 7,13-14; Sl 110,1). Jesus, derrotado, afirma sua supremacia diante do "homem forte". O Sumo Sacerdote rasga as túnicas, proclama a desnecessidade de testemunhas e acusa Jesus de blasfêmia, conseguindo o consenso do tribunal que julga Jesus réu de morte.

Segue-se a cena de tortura (14,65), que Marcos descreve nos moldes de Isaías (Is 50,6), novamente identificando Jesus com o Humano e com o Servo sofredor, e a cena da negação de Pedro, evidenciando o estado de abandono de Jesus.

Logo de manhã, o Sinédrio se reúne em conselho e levam Jesus "amarrado" (15,1b), entregando-o a Pilatos. Jesus, o mais forte, que veio para "amarrar o homem forte" (3,27), vai agora, amarrado, de um tribunal para o outro.

Diante do tribunal de Pilatos (15,1-15), Jesus é acusado como o rei dos judeus. João Batista já havia sido considerado uma ameaça ao Império, e fora executado por Herodes. Agora Jesus também, comparável a Barrabás, é condenado à morte de cruz, suplício reservado àqueles que ameaçavam a estabilidade política do Império. A seguir Jesus passa por nova cena de tortura e, em seguida, é conduzido ao lugar da execução.

5. O termo grego, *lestés*, pode ter várias traduções: a tradicionalmente utilizada é a de ladrão; porém tem também o sentido de malfeitor, bandido, podendo-se compreender também agitador, subversivo da ordem social. Marcos destaca assim que Jesus está sendo procurado por crime político.

Deram-lhe vinho com mirra (Pr 31,6) que ele não tomou. Então o crucificaram e repartiram suas vestes. Era a terceira hora quando o crucificaram. E acima estava a inscrição da sua culpa: "O Rei dos judeus". Jesus é crucificado entre dois malfeitores, criminosos políticos, ele próprio preso como se fosse um deles (14,48). Os três expostos no alto do Gólgota foram julgados como ameaça para a autoridade de Roma.

O mistério e a revelação ao grupo seleto

A escolha do grupo seleto inicia-se com o chamado de Simão e André, Tiago e João (1,16-20) e o chamado de Levi (2,14). O convite aos discípulos de se tornarem "pescadores de homens" (1,17) pode ser uma alusão a Jeremias 16,16 e Amós 4,2, onde a pesca é um símbolo do confronto que antecede o julgamento de Deus. Os discípulos são chamados para o confronto com a ordem social dominante e deixam tudo. O mundo chegou ao fim para aqueles que optaram por seguir Jesus, através do caminho, já começando a viver o Reino de Deus. Isto significa a deflagração do dramático conflito apocalíptico entre os eleitos do Reino e os demônios da ordem estabelecida. Ao subir à montanha e chamar a si os que queria (3,13-19), dando nomes novos a Simão, Tiago e João, Jesus restabelece a aliança no "novo Sinai" e cria uma nova "confederação" a partir da escolha dos Doze. É o novo Israel, o qual é estabelecido como uma comunidade de confronto e resistência.

Junto ao mar, começa de novo a ensinar, por parábolas: do semeador, da lâmpada, da semente que germina e cresce dia e noite, do grão de mostarda (4,1-34). Pode-se notar o caráter apocalíptico deste sermão, tanto pelo caráter enigmático das parábolas em si mesmas como pelos temas nela presentes: a semeadura e a colheita, e o dualismo: os de dentro, aos quais é explicado o mistério, e os de fora; aparecem, também, em citações, a contradição de Is 6,9s: ver e não perceber, ouvir e não entender, não se converter e não ser perdoado, a colheita escatológica de Jl 4,13 e a árvore frondosa onde se abrigam os pássaros, de Ez 17,22s. Porém, em particular, Jesus esclarece os discípulos (4,10-12.33.34; confira também: 7,17-23).

Na transfiguração, diante de Pedro, Tiago e João (9,1-8), encontramos uma alusão aos episódios sinaíticos de revelação a Moisés e conforto a Elias: agora, com Jesus, os discípulos presentes encontram também revelação particular e conforto no caminho pelo "deserto". A narrativa é marcada pela presença de fortes símbolos apocalípticos: pela transfiguração de Jesus, suas vestes se tornam extremamente brancas, o que lembra, em Daniel, o ancião que ocupa o trono, com vestes brancas como a neve, para presidir o tribunal do julgamento (Dn 7,9), e o homem vestido com roupas de linho (Dn 10,5), o qual esclarece Daniel sobre o combate apocalíptico com as feras. O símbolo apocalíptico das vestes brancas vai aparecer também em Ap 3,5.18; 4,4; 6,11; 7,13; 10,1. A nuvem que desce e a voz celeste que ecoa são novos símbolos apocalípticos. A nuvem desce significando a presença de Deus, como antigamente descia sobre a tenda no deserto (Ex 40,34s; Nm 9,15-23; conferir Ex 33,10); a voz celeste repete a apresentação feita por ocasião do batismo de Jesus por João; no batismo o anúncio do Filho amado era complementado com a revelação da compla-

cência de Deus nele, porém agora a complementação se faz no sentido de que este Filho amado deve ser ouvido, no seu anúncio da paixão, que antecedeu em 8,31, e que será repetido, a seguir, em 9,12. Marcos coloca este episódio da transfiguração, inserido entre duas menções da paixão, com uma referência ao seguimento da cruz, como que confirmando que a cruz de Jesus será a sua glorificação.

A intertextualidade apocalíptica

Marcos recorre a uma abundante intertextualidade apocalíptica. Como elemento fundamental em seu Evangelho, recorre à figura apocalíptica do "Humano"[6] de Daniel (Dn 7,13; 8,17 // Mc 2,10.28; 8,31.38; 9,9.12.31; 10,33.45; 13,26; 14,21.41.62). A figura de Elias também é significativa nesta intertextualidade: podemos encontrá-la no prólogo (1,2), implícita no mensageiro de Malaquias (Ml 3,10), na opinião pública sobre Jesus (6,15), e entre os discípulos, com a expectativa da volta do Elias "restaurador" (9,11-13; cf. Ml 3,23s) e, novamente, no momento da morte na cruz (15,35-36).

O discurso escatológico do capítulo 13 apresenta semelhanças com diversas outras peças da literatura apocalíptica de resistência, no período final da época helenista, tais como 1 Enoc, 4 Esdras, a Assunção de Moisés.

A intertextualidade apocalíptica está presente, ainda, em várias outras narrativas de Marcos:

– a voz que clama no deserto e o caminho (1,3): Is 40,3, complementado por Ml 3;

– o cumprimento do tempo (1,15): Dn 7,22;

– as aves do céu que se abrigam à sombra da árvore (4,32): Ez 17,22s; Dn 4,9.18;

– para Deus tudo é possível (10,27): Zc 8,6s;

– o sangue da aliança (14,24): Zc 9,11;

– a perspectiva do fim (13,7): Dn 2,28;

– a abominação da desolação (13,14): Dn 9,27; 11,31; 12,11;

– a grande tribulação (13,18): Dn 12,1;

– o Humano (13,26): Dn 7,13;

– a indagação apocalíptica: "quando?" (13,4.): Dn 12,6;

– os abalos cósmicos (13,24-25): Am 8,9; Jl 2,10-11; Ez 32,7-8; Is 13,9-13; 24,18-23);

e inúmeras outras alusões a textos proto-apocalípticos de Isaías (Mc 1,3.10.11; 3,27; 4,12.32; 7,6; 9,48; 11,17; 12,1; 15,27);

6. A figura do "Humano" desempenha papel fundamental na narração do julgamento apocalíptico de Daniel, onde a expressão "filho do homem" significa "ser humano". Com a interpretação de que Jesus individualiza a expressão aplicando-a a si, passou a ser adotada a tradução ao pé da letra: "Filho do Homem". Contudo, levando em conta o machismo cultural tradicional, que estaria presente nesta tradução, e a condição humilde da incarnação, pode-se interpretar que, na realidade, Jesus pretendia identificar-se com o humano universalmente. Alguns autores optam por esta interpretação, adotando a tradução: "o Humano".

Este mistério aparece na figura do Servo de Javé, que estabelecerá o julgamento na terra (Is 42,4) mas deverá, de maneira não fatalista mas apocalíptica, passar pelo sofrimento (Is 50,6; 53,2-10c; cf. Dn 7,25) para justificar a muitos (Is 50,10d-12). E no livro de Daniel, após a vinda do Humano (7,13), os "santos do Altíssimo" serão entregues nas mãos dos reis (animais ferozes) "até um tempo, dois tempos e meio tempo" (7,25).

Marcos apresenta este mistério no anúncio da paixão de Jesus, com duas recapitulações (8,31-33; 9,30-32; 10,32-34), a qual se efetivará diante dos tribunais e na cruz (14,53–15,39). Evitando qualquer perspectiva de um messias triunfalista, Jesus identifica-se com o Humano e o Servo Sofredor, entrando em conflito com Pedro (8,29.33). E ainda mais, Jesus chama a multidão e os discípulos, advertindo que tome sua cruz quem quiser segui-lo, e que deverá perder a vida quem quiser salvá-la (8,34-37). Seguir o "caminho" de Jesus, fonte da vida, significa não temer a ameaça de morte que o "homem forte" faz àqueles que a ele não se submetem. Enquanto que ter medo da morte significa manter o estado de submissão e opressão, o colocar-se a serviço da vida, sem temer a morte, significa a instauração do Reino e a derrubada de toda opressão, significa "amarrar o homem forte" e a conquista da vitória.

Na primeira narrativa da paixão, Jesus afirma que o Humano "deve" sofrer muito, na segunda narrativa o Humano "é entregue" e na terceira narrativa o Humano "será entregue", exprimindo como que uma necessidade. Este tipo de afirmação não tem sentido de fatalismo ou determinismo, mas significa a firme convicção da realização do projeto de Deus, o qual leva, inevitavelmente, ao confronto com o "homem forte", que tem o poder da morte. Contudo este poder está derrotado a partir do "caminho" construído para a vida, sem medo nenhum.

Estamos diante de uma necessidade que dá sentido àquilo que parece absurdo.

Forte momento apocalíptico: A morte na cruz

Marcos faz a narração da morte de Jesus com uma estrutura apocalíptica semelhante à das narrações de outros dois fortes momentos apocalípticos, o do batismo e o da transfiguração, contudo, com inversões significativas:

Batismo 1,9-11	*Transfiguração* 9,2-8	*Crucifixão e morte* 15,20b-39
Jesus subiu da água (v. 10)	Jesus levou os discípulos a um lugar retirado, sobre uma alta montanha (v. 2)	Jesus, levado para fora, no alto da cruz (v. 20b.24.30.32)
	vestes extremamente brancas (v. 3)	despojado de suas vestes (v. 24)
	com Elias e Moisés (v. 4)	entre os dois malfeitores (v. 27), Elias ausente (v. 35.36)

	uma nuvem os cobriu com sua sombra (v. 7)	trevas sobre toda a terra (v. 33)
Os céus se rasgaram (v. 10)		o véu do santuário se rasgou (v. 38)
Uma voz veio dos céus (v. 11)	uma voz saiu da nuvem (v. 7)	Jesus, do alto da cruz, deu um grande grito... (v. 34.37)
"Tu és meu Filho amado, em ti me comprazo" (v. 11)	"Este é o meu Filho amado; ouvi-o" (v. 7)	O centurião disse: "Verdadeiramente este homem era filho de Deus" (v. 39)

Enquanto que as duas narrações apocalípticas do batismo e da transfiguração são gloriosas, a narração da morte na cruz, que é a culminação do processo de prisão e julgamento de Jesus, aparenta uma derrota total de Jesus. E é o centurião, representante do homem forte, que, como fizeram os demônios (3,11; 5,7; 14,61), proclama que Jesus "era" filho de Deus. Contudo este é, realmente, o momento da glória apocalíptica do Humano, por uma necessidade fundamental, decorrente das exigências do Reino, conforme Jesus já ensinara tanto aos discípulos (8,34-38; 9,33-37; 10,35-40) e ele próprio testemunhou até o fim.

Pode-se perceber a densidade do caráter apocalíptico desta narração da morte na cruz. Fazem-se trevas sobre toda a terra, durante três horas, desde a hora sexta até a hora nona; os astros não dão mais luz, o que é o prenúncio de grandes mudanças: a queda dos poderes imperiais que se fundam na ordem estável, sócio-política, o que é simbolizado, de modo apocalíptico, pela ruptura da ordem do universo.

Então chega a hora, Jesus com um grande grito pronuncia os versos iniciais do Salmo 22, sendo a terceira e última alusão a este salmo, na narração de Marcos; a citação dos versículos iniciais significa uma lembrança de todo o conteúdo do salmo, o qual descreve o sofrimento de um justo que espera na intervenção libertadora e vivificadora do Senhor. Alguns dos presentes externam, em comentários, a expectativa da vinda de Elias; contudo "Elias já veio e fizeram com ele tudo o que quiseram, como dele está escrito" (9,13). No texto de Isaías, no prólogo, a voz clama no deserto (1,3), e agora, na cruz, é a voz de Jesus que clama alto, com grito (15,34).

Horas antes ouviam-se os dois gritos da multidão pedindo a crucifixão de Jesus (15,13). Tendo já dado um grande grito (15,34), Jesus expira, dando agora um segundo grito (15,37); Marcos usa a mesma expressão utilizada quando narra o grito dos demônios expulsos nos exorcismos na sinagoga de Cafarnaum (1,26) e do endemoninhado geraseno (5,7): teriam os poderes exorcizado Jesus do Espírito que recebera em seu batismo (1,10), garantindo assim a sua vitória plena no combate apocalíptico?

Marcos abriu a narrativa da morte de Jesus com o símbolo das trevas sobre a terra, e agora encerra com outro símbolo: o véu do Santuário se rasgou em duas partes, de alto a baixo, o que significa ruína do poder manipulado a partir do Santuário. Marcos

apresenta-nos uma trilogia: a escuridão que significa abalo celestial (abalo no Império), o rasgo no véu do santuário (ruptura no Templo) e o Crucificado que, com um forte grito, expira na cruz, porém se "levantará" (16,6b). Esta trilogia tem um sentido que é a chave da compreensão do drama apocalíptico da cruz e do Evangelho de Marcos: a morte de Cristo não é o fim do Reino, mas o fim do medo do sofrimento e da morte, que leva à incredulidade, à fuga, à omissão, ao comodismo e à conivência. E este medo é o sustentáculo de todos os poderes opressores. A morte de Jesus significa, assim, o fim destes poderes. A aparente vitória do "homem forte" é, também, o dinamismo do apocalipse de Daniel (Dn 7,2-14), ao qual Marcos se refere no discurso escatológico (13,26).

Contudo, este é o momento da "glória" do Humano, que "dá sua vida como resgate de muitos" (10,45; confira também: 14,24): o dom de sua vida se fez ao longo do caminho, culminando gloriosamente na cruz; as sementes de vida foram lançadas e a vida começou a brotar na terra, vencendo os poderes da morte. O fracasso aparente no drama apocalíptico que se desenvolve em Jerusalém não corresponde à realidade vivida pelos que encontraram o caminho construído através da Galiléia e da Judéia. Quem tem "olhos para ver" compreende que a aceitação da cruz é a manifestação do poder de Deus, capaz de lançar as legiões romanas repressivas e o monte Sião, com Jerusalém e o Templo, no mar (5,13; 11,23).

Epílogo

Jesus está sem vida na cruz. Marcos, neste final extremamente simbólico, faz uma recapitulação, trazendo à cena todos os grupos que estiveram envolvidos no caminho: os inimigos, o Império representado pelo centurião e Pilatos, o Sinédrio, representado por José de Arimatéia, e os discípulos, representados pelas mulheres[7] que "o seguiam e serviam enquanto esteve na Galiléia... e subiram com ele para Jerusalém" (15,41).

José de Arimatéia, tendo procurado Pilatos, o qual consulta o centurião, providencia o sepultamento apressado de Jesus, devido à proximidade do sábado, rolando uma pedra para fechar a entrada do túmulo. Isto é feito sem a participação das mulheres, que ficam apenas observando (15,42-47).

As três mulheres, passado o sábado, compraram aromas para ungir o corpo de Jesus, e se dirigem ao túmulo preocupadas sobre quem rolaria a pedra da entrada para elas (16,1-3). Encontrando a pedra já removida e o túmulo aberto, elas entram e vêem um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca. A túnica branca que envolve o jovem lembra o lençol que envolvia o jovem no Getsêmani (14,51s) e o corpo de Jesus envolvido em lençol por José de Arimatéia, como vimos acima; e é um

7. Veja o interessante artigo, nesta revista, de autoria de Odete Lieber de Almeida, sobre o discipulado das mulheres no Evangelho de Marcos.

expressivo símbolo glorioso que aparece na transfiguração de Jesus (9,3) sendo, também, as vestes dos eleitos no Apocalipse de João (Ap 7,9.13) e consistindo, sem dúvida, numa referência ao tribunal apocalíptico de Daniel (Dn 7,9).

As mulheres, cheias de espanto, são advertidas pelo jovem, que não se espantem e que Jesus de Nazaré, agora o Crucificado, "levantou-se": Marcos usa aqui o verbo grego que significa "levantar-se" (*egeirein*), e que foi utilizado em curas do paralítico (2,11-12), da filha de Jairo, morta (5,41), de um menino endemoninhado prostrado (14,42) e ao despertar os discípulos que dormiam no Getsêmani (14,42). Ainda, de modo particular, é o verbo que Marcos usa, na palavra de Jesus aos discípulos, ao saírem para o monte das Oliveiras após a ceia: "...depois que eu me 'levantar' (*egerthênai*) vos precederei na Galiléia". Este anúncio, agora, o jovem o repete às mulheres, dizendo que comunicassem aos discípulos e a Pedro que Jesus os precederia na Galiléia, onde o veriam, como lhes tinha dito.

E, então, as mulheres saem e fogem, possuídas de tremor e estupor, e nada contaram a ninguém, pois tinham medo (16,8)...

E assim termina o Evangelho de Marcos. Estará faltando alguma parte final no Evangelho, que se teria perdido? Por via das dúvidas, foram acrescentados os versículos 9-20, para dar um final mais feliz e, presumidamente, mais esperançoso. Porém 16,8 pode ser considerado realmente o fim do Evangelho, pois Marcos vinha mostrando a fragilidade dos discípulos e seu medo, em vários episódios, e de modo particular nas cenas de paixão e, agora, as próprias mulheres diante da ressurreição. E Marcos não pretende registrar um final feliz, pois sua pretensão é o convite ao leitor de manter-se firme à palavra de Jesus (9,10) e ao prosseguimento no caminho, seguindo-o, sem medo da cruz, e descobrindo-o ressuscitado (16,7).

Resumo

É bem marcante a presença de elementos do gênero apocalíptico no Evangelho de Marcos. O prólogo, que tem um sentido de apresentar resumidamente a proposta do autor, tem como base uma intertextualidade com os profetas Malaquias e Isaías, e apresenta como temas e símbolos fundamentais para a narração: a voz, o deserto, o caminho, a multidão, o "mais forte", a água, os céus, a tentação por Satanás, entre as feras e anjos. A partir destes elementos, a narração se desenvolverá tendo como eixo principal o "caminho" e a "tentação", que exprime o combate do "mais forte". O combate se fará para amarrar o homem forte e libertar a casa oprimida; assim acontece na casa de Simão, com André, Tiago e João, na cura de sua sogra, no início do Evangelho e assim também acontece, na parte final, no Templo, que será chamado "casa de oração". O combate se dá, ao longo do caminho que vai sendo construído, contra o "homem forte" da sinagoga, do Templo e do Império, e a vitória é o caminho completado, até Jerusalém, tomada de assalto, onde é fincada a cruz "necessária" e gloriosa. A partir da intertextualidade, onde se destacam as figuras do Humano de Daniel e do Servo Sofredor de Isaías, surge a "necessidade" apocalíptica da cruz, que

significa o sofrimento redentor do justo. E temos aqui a principal chave de leitura de Marcos: a vitória no combate necessariamente exige a perda do medo do sofrimento e da morte. E quando o Humano os enfrenta, realiza-se a sua glória, e é dada a maior prova de amor, como depois afirmará João em seu Evangelho (Jo 15,13). Assim pode-se entender como o final e terrível drama apocalíptico da paixão e morte, com Jesus completamente abandonado, amarrado e morto pelo "homem forte", significa, na realidade, a gloriosa vitória do Humano.

Um novo milênio

O Evangelho de Marcos é o Evangelho do dom da vida, sem temer as conseqüências: este é o poder de Deus que vence os poderes opressores do Império e do Templo. A conquista da liberdade inclui de modo muito especial a perda do medo da morte (medo do desemprego, medo da pobreza, medo da solidão, da rejeição, da humilhação, do sofrimento) e a partilha da vida, na fraternidade, na solidariedade, nas lutas comunitárias e sociais.

Assim, a apocalíptica é a revelação do rompimento da ordem do mundo e da instauração da nova ordem, com a presença do Reino de Deus entre os pobres. Esta revelação ilumina as consciências para que as comunidades e o povo oprimido, os humildes, reconheçam, valorizem e fortaleçam suas vidas e se assenhorem do mundo promovendo a vida, em contraposição à ação mortífera e mentirosa do "homem forte", da sinagoga, do Templo e do Império, poder religioso e poder econômico. Este "homem forte", idolátrico e assassino se defronta com o povo de Deus, que procura construir o Reino de Deus aqui na terra. Os que estão com o "homem forte" estão contra o Reino de Deus. O Reino de Deus adquire, na apocalíptica, uma radical densidade histórica e política. Também hoje, os cristãos se defrontam com o "homem forte", com sua cultura consumista, individualista e espiritualista, com sua ética da morte e da mentira; com sua espiritualidade fetichista e idólatra. Contudo, contra o "homem forte", em um combate apocalíptico, as comunidades, cada vez mais fortalecidas, vão assumindo o projeto do Reino de Deus.

A glória não está no "fim", mas sim no "caminho". A glória é o caminho da restauração da vida, sem medo do homem forte da morte. Fugir, levado por este medo, significa aderir a estas forças da morte. Seguir o caminho de Jesus, com fé, sem temor, até a morte é aderir ao mais forte e conquistar o Reino.

Estamos nas vésperas de um novo milênio, o que é ocasião de várias manifestações escatológicas, esotéricas e milenaristas, tendo como tema o "fim do mundo". Em tal contexto, é extremamente oportuno o anúncio da boa-nova de Marcos, com o caráter de um apocalipse na história.

O atual milênio termina com uma grande vitória neoliberal. É o "homem forte" que se constitui como um verdadeiro império mundial, às custas do massacre de multidões de pobres e excluídos e, por outro lado, seduzindo vários setores de igrejas.

Contudo há um segredo revelado: o "caminho" construído por Jesus, anunciado no Evangelho de Marcos, atravessa este império, globalizado, e as sementes de vida lançadas no bom terreno germinam sem cessar. A fé nos dá o poder de libertar a casa oprimida do pobre, derrubando as cercas do legalismo instituído pelo poder, criando o "novo". O amor à vida vence o temor da morte e a morte é vencida pela vida.

O novo milênio é recebido com o anúncio: "Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Convertei-vos e crede no Evangelho" (Mc 1,15).

Bibliografia

CEBI. *Introdução Geral aos Evangelhos. Evangelhos de Marcos e Mateus.* Série "Roteiros para Reflexão". S. Leopoldo: Contexto, 1998.

CINTRA, Frei Raimundo de Almeida/CÉSAR, Waldo. *Enciclopédia Mirador Internacional.* S. Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1990, verbete "escatologia".

CNBB. *Caminhamos na Estrada de Jesus – O Evangelho de Marcos.* S. Paulo: Paulinas, 1996.

CRB. *O sonho do Povo de Deus.* Col. Tua Palavra é Vida – n. 7. S. Paulo: CRB/Loyola, 1996.

CRB. *Seguir Jesus: os Evangelhos.* Col. Tua Palavra é Vida – n. 5. S. Paulo: CRB/Ed. Loyola, 1994.

LAGRANGE, Marie-Joseph. *L'Évangile de Jésus-Christ.* Paris: J. Gabalda et Cie. Edit. 1954.

MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico.* S. Paulo: Paulinas, 1984.

MATEOS, Juan. *Marcos 13 – El grupo cristiano en la história.* Madrid: Cristiandad, 1987.

MATEOS, Juan/CAMACHO, Fernando. *Evangelho – Figuras e Símbolos.* S. Paulo: Paulinas, 1992.

MATEOS, Juan/CAMACHO, Fernando. *Marcos – Texto e Comentário.* S. Paulo: Paulus, 1998.

MOSCONI, Luis. *Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos.* S. Paulo: Loyola, 1997.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos.* São Paulo: Paulinas, 1992.

NOLAN, Albert. *Jesus antes do Cristianismo.* São Paulo: Paulinas, 1988.

RICHARD, Pablo. *Apocalipse – Reconstrução da Esperança.* Petrópolis: Vozes, 1996.

José Raimundo Oliva
Rua Tabatinga n. 84, Cordeiro
50640-210 Recife, PE